



A HISTÓRIA DE SIBI, POR ANDRÉ SAMPAIO

Lembro-me de ter conhecido Sibi assim que ela nasceu. É sempre emocionante presenciar um nascimento, mas o fato é que não só vi Sibi nascer como também vi ela crescer e se desenvolver.

Nasceu delicada e frágil, tendo ainda que enfrentar muitas dificuldades na infância. A alimentação era precária e tinha de ser dividida entre muitos. Faltavam também carinho e atenção. Mesmo com tudo que sofreu no início da vida, Sibi sempre foi cheia de boas ações.

Quando alcançou a idade de poder sair daquele lugar onde viveu por anos sob condições precárias, foi forçada a viver em um local pior ainda, diferente das terras paradisíacas onde moraram seus antepassados. Neste novo lar a vida não passava de uma subsistência solitária e cinzenta, sem prazeres nem futuro para seus filhos, onde o respeito por ela era pequeno e, mesmo que fizesse todo esforço para demonstrar seu sofrimento, acabava sempre passando despercebida.

Além de ser muitas vezes ignorada e sofrer maus tratos, preconceito, sede e fome, tinha também que suportar críticas por pequenas peculiaridades de sua existência que incomodavam algumas pessoas. Estes vizinhos mal-humorados reclamavam do espaço que Sibi ocupava, do jeito que ela se enfeitava e diziam até que ela era perigosa. O mais absurdo disso tudo é que a função que Sibi exercia era importante. Ela beneficiava a todos que viviam por ali. Sofreu e mesmo assim quase tudo que proporcionou foram coisas boas.

Sinto-me mal, pois vi tudo isso acontecer e fiz pouco para ajudar. Quando Sibi morreu assassinada sorrateiramente porque estava atrapalhando a propaganda e marketing de uma empresa, fiquei decepcionado com as pessoas e comigo mesmo.

Um belo dia fui chamado para falar sobre minha amiga Sibipiruna (*Poincianella pluviosa* var. *peltophoroides*), para as mesmas pessoas que usaram e abusaram dela a vida inteira e pude ver que onde mais deveria se ter respeito é onde menos se tem. Relembrei a história daquela árvore que saiu dos viveiros municipais pouco estruturados e foi viver no meio urbano, onde não tinha espaço suficiente para ciclar nutrientes, onde faltava água e sobrava fumaça tóxica, onde suas sementes não tinham como germinar, onde injúrias físicas e vandalismos eram constantes, onde pessoas reclamavam da sujeira das folhas e dos frutos ao invés de enxergar os benefícios do verde e finalmente, onde foi anelada e morreu por que tampava o logotipo de uma loja. Ninguém chorou ou deu importância, mas isso é rotineiro em nossa sociedade.